

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Julia Brasil da Silveira Magri de Assis

**POLIAMOR E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS ENVOLVENDO  
“TRISAIS” E SUAS RELAÇÕES COM O SAGRADO.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Juiz de Fora  
2018

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Julia Brasil da Silveira Magri de Assis, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculada sob o número 201473131A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado POLIAMOR E EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS: UM ESTUDO DE TRÊS CASOS ENVOLVENDO "TRISAIS" E SUAS RELAÇÕES COM O SAGRADO, desenvolvido durante o período de 5 de Março de 2018 a 6 de Julho de 2018 sob a orientação de Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autora, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Julia Brasil da Silveira Magri de Assis

**Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

# **POLIAMOR E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA: ESTUDO DE TRÊS CASOS ENVOLVENDO TRISAIS E SUA RELAÇÃO COM O SAGRADO.**

Julia Brasil da Silveira Magri de Assis<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo explicitar as dificuldades, conflitos, particularidades, satisfações e frustrações vividas por pessoas envolvidas em um meio social religioso que tende a rejeitar relações conjugais fora dos padrões heteronormativos. Em tempos de conquista de liberdade sexual feminina, maior aceitação pelas diversas orientações sexuais e de identidades de gênero, o Poliamor em geral ainda é visto como um tipo de relação que nem ao menos pode ser considerada amorosa, sendo amplamente rejeitado, muitas vezes até de maneira preconceituosa e pejorativa, mesmo por pessoas que não se consideram conservadoras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Poliamor. Religião. Sagrado. Sexualidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como objetivo explicitar as dificuldades, os conflitos, as particularidades, as satisfações e as frustrações vividas por pessoas envolvidas em um meio social religioso que tende a rejeitar relações fora de seus padrões e que eventualmente se viram como parte de algo condenável perante Deus.

Em tempos de conquista de liberdade sexual feminina, maior aceitação pelas diversas orientações sexuais e liberdade de gênero, o Poliamor em geral ainda é visto como algo que nem ao menos pode ser considerado amor, sendo amplamente rejeitado, muitas vezes até de maneira preconceituosa e pejorativa, mesmo por pessoas que não se consideram conservadoras.

Entre as dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa cabe destacar que houve dificuldade de acesso a pessoas que fossem adeptas do Poliamor e que ao mesmo tempo estivessem dispostas a colaborar, apesar de terem sido amplamente informadas acerca do respeito à sua privacidade e sua identidade. Cabe ainda ressaltar a dificuldade de entrevistar praticantes homens com qualquer orientação sexual, mesmo que para falar de situações anteriores ao envolvimento religioso, ou sobre alguma experiência monogâmica que já tenham vivenciado.

O interesse inicial da pesquisa era interagir diretamente com pessoas que encontraram no Poliamor uma forma de relacionamento sólida e segura, e que conseguissem de forma harmoniosa viver o relacionamento não monogâmico e sua religiosidade. Logo identifiquei que o Poliamor por si só já é um tipo de relacionamento

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: jubsmagri@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

complexo, e que os conflitos diretos com os dogmas religiosos, pelo menos até então, não permitem uma relação harmoniosa.

A metodologia da pesquisa constitui-se de entrevistas virtuais e presenciais com as participantes, levando em consideração o conforto que sentiam e suas disponibilidades. Para garantir que houvesse bem-estar, as entrevistas presenciais ocorreram de modo informal, em locais públicos em que as entrevistadas pudessem se sentir tranquilas. Em todos os casos, a entrevista foi guiada de forma sutil, partindo do conhecimento da realidade familiar e social, para posteriormente compreender o relacionamento poliamorista vivido e as complicações resultantes.

Após definir o tema de forma concreta e perceber que homens não estariam dispostos a compartilhar suas experiências comigo, concluí que me concentraria nas experiências de três jovens adultas que são ativas e praticantes de suas religiões, todas de matriz cristã. Logo, as inconstâncias e o medo da exposição constante foram definitivamente os fatores de maior contratempo da pesquisa. Tendo em vista o forte sincretismo religioso e maior complacência de algumas religiões quando se trata de sexualidade, cabe salientar que nenhuma das mulheres que hoje são objetos da minha pesquisa fazem parte de uma instituição religiosa inclusiva.

Sentindo a necessidade de amparo e aceitação, a busca destas mulheres passou a ser por pessoas em situações semelhantes a elas para que pudessem compreender e conseguir lidar com o sentimento novo que lhes foi apresentado. Para todas elas, a forma considerada mais segura foi a Internet, por meio de grupos poliamoristas, e foi nesses grupos que as encontrei.

Ressalto ainda que os três casos estudados são de relacionamentos poliamoristas de configuração “triangular MHM”, que é o relacionamento onde todos os envolvidos têm um laço afetivo e sexual entre si. Essa é a estrutura mais comum entre poliamoristas e um dos motivos de maior debate envolvendo o sexismo no poliamor, já que nota-se grande facilidade por parte feminina em se envolver com alguém do mesmo sexo, e uma possível limitação masculina em relação à vontade das mulheres, tendo em vista que há resistência para aceitar que a parceira tenha envolvimento com outro homem e principalmente do próprio envolvimento com outra figura masculina.

A associação da homossexualidade masculina com o “feminino” é, portanto, mais forte do que entre lésbicas e “masculino”, o que faz com que o perigo da “feminilização” seja mais evidente entre homens do que o da “masculinização” entre mulheres. O efeito dessas diferenças é a maior tensão entre os homens para se identificarem como “gays” ou “héteros”, o que se reflete na difícil elaboração de um “entre lugar” - “bissexual”. Pode-se pensar o menor número de “bissexuais” masculinos declarados como produto de duas lógicas distintas de construção das identidades sexuais: a masculina, que põe em risco a identidade de gênero e a feminina, que é mais frágil, mas que não se contradiz com a identidade de gênero. PILÃO (2012, p. 8).

O objetivo desta pesquisa não se resume em compreender o Poliamor como um novo sistema de relacionamento conjugal complexo, mas como pessoas imersas em uma realidade religiosa se veem obrigadas a confrontar o meio social e sua crença no Sagrado.

O artigo foi feito com base nos estudos realizados do material de apoio para a pesquisa de campo, e dividido entre sessões que definem o Poliamor e como os relacionamentos poliamoristas se constituem, as

entrevistas realizadas com as três participantes e os conflitos encontrados em relação às suas respectivas religiões, e a conclusão com as percepções da pesquisa.

## 2. O QUE É O POLIAMOR?

Poliamor é um tipo de relacionamento que busca prezar pela liberdade, afeto e respeito mútuo entre seus adeptos. Sua principal característica é o envolvimento emocional sem restrição de companheiros. A não-monogamia fez parte de diversos períodos históricos, mas quase sempre teve a figura masculina como centro do relacionamento, tendo como exceção algumas sociedades de cultura poliândrica. Porém, o conceito de Poliamor é algo atual e aborda os modelos contemporâneos de conjugalidade. O Poliamor é facilmente confundido com a poligamia, porém, a poligamia, do ponto de vista ocidental, com base nos conceitos morais que possuímos, mesmo sendo uma forma de não-monogamia, não tem como princípios a liberdade e o consentimento, segundo a perspectiva dos poliamoristas.

No Poliamor, o conceito de traição é determinado pelos seus adeptos dentro de seus relacionamentos, o que se exige majoritariamente é a honestidade entre as partes. Os poliamoristas acreditam que o amor, assim como qualquer outro sentimento, não é restrito a uma única pessoa, isto é, podemos amar verdadeiramente mais de uma pessoa, mesmo que de formas diferentes, pois o amor sentido por uma pessoa não anula o sentimento aplicado à outra.

Não existe configuração padrão para que um relacionamento seja considerado poliamorista, e uma pessoa não precisa estar envolvida com outra para que seja considerada adepta do poliamor. Estar aberto para a possibilidade de viver um relacionamento com alguém sabendo que pode haver envolvimento emocional entre o companheiro e outra pessoa sem que isso afete seu relacionamento, e sabendo que também pode se envolver afetivamente com alguém, já define a pessoa como poliamorista. Existe a possibilidade da formação de um "trisal" ou tríade, um relacionamento entre os três envolvidos, e essa é a forma mais comum de configuração poliamorista, porém, as possibilidades são infinitas.

Em "ACama na Varanda", Lins (1990, p.401) defende que: "os poliamoristas argumentam que não se trata de procurar obsessivamente novas relações pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas, sim, de viver naturalmente tendo essa liberdade em mente".

Uma das características do poliamor é aceitar que todo ser humano tem sentimentos em relação a outras pessoas. A diferença entre quem aceita o poliamor e quem vive uma relação monogâmica é a aceitação desse sentimento, é a aplicação dele à outra pessoa.

O estudo do Poliamor desmistifica equívocos e busca compreender essa nova forma de relacionamento que se desprende do conceito de relacionamento e/ou casamento como "ter posse" ou "pertencer a alguém".

A mulher na cultura ocidental moderna vem adquirindo cada vez mais uma liberdade sexual que lhe foi proibida desde a criação do conceito de "casal", quando o homem percebeu sua importância na procriação e tornou a mulher então sua propriedade como forma de garantir que a prole seria sua.

Um ponto de partida importante é identificar se essas pessoas compreendem o próprio relacionamento e como elas o classificam.

Uma diferença fundamental entre casais ou trisais religiosos em relação aos não religiosos é o sentimento que cada um expõe quando seu "grande segredo" é revelado. Quando os envolvidos são religiosos é muito clara a sensação na maior parte dos casos de desconforto e vergonha, enquanto os que não têm religião apresentam um misto de orgulho pela suposta subversividade que estariam efetuando.

Quando tratamos sobre qualquer assunto relacionado a relacionamentos não convencionais como o poliamor, é fácil vincular a imagem dos praticantes a pessoas desprezadas de alguma religiosidade. Com o avanço do sincretismo religioso e da curiosidade das pessoas em relação às possibilidades de relacionamentos, o poliamor vem ganhando força na última década.

Estamos habituados a conceitos polarizados e a sempre contrapor um sentimento a outro que representaria exatamente o oposto, porém, quando questionamos qual seria o oposto do ciúme, normalmente a pergunta vem seguida de um enorme silêncio. Não satisfeita com as palavras sugeridas na internet como antônimos, eu busquei essa resposta no meio poliafetivo, já que "frieza, desamor e desinteresse" não são conceitos que condizem com o que é apresentado pelos adeptos do poliamor. Era recorrente em grupos virtuais o uso da palavra "compersão", termo utilizado por poliamoristas para explicar o sentimento de felicidade e satisfação por ver o parceiro ou alguém por quem tem afeto feliz com outra pessoa, o que explica bem a plenitude com que a maior parte dos poliamoristas vivem seus relacionamentos.

Sentir ciúme é visto por poliamoristas como um mal a ser combatido, um sinal de que o sujeito não está bem e de que é dependente do outro, tal qual uma criança. A associação da "infância" com o ciúme e o amor romântico com os "contos de fadas" expressa a percepção dos monogâmicos como ingênuos e pouco evoluídos, em contraposição aos poliamoristas, em seus mais variados graus de desenvolvimento. A possibilidade de comunicação "honestas" entre os parceiros é vista como uma forma de evolução pessoal, que pressupõe "autoconhecimento" e "inteligência emocional" a fim de converter o ciúme em "compersão". PILÃO (2012, p. 8).

### **3. ANÁLISE DA REALIDADE POLIAMORISTA NO MEIO RELIGIOSO**

#### **3.1 LEILA**

A primeira pessoa que se dispôs a contar sobre suas experiências foi também a mais instável e de difícil acesso, tendo em vista as circunstâncias complicadas de sua vida. Leila conta que, assim como as demais pessoas, ela não procurava e nem tinha conhecimento sobre o que seria o poliamor. Ela estava em um aplicativo de relacionamento entre mulheres quando teve contato com o termo pela primeira vez.

Leila é uma mulher de 23 anos, a caçula de três filhos de um casal neopentecostal, que foi criada totalmente imersa na religião de sua família e tendo basicamente como único acesso ao mundo externo a internet e a faculdade. As irmãs já são casadas e têm filhos, mesmo que não tenham continuado os estudos. Isso é visto com bons olhos pela família que atualmente mora em um bairro residencial de Juiz de Fora. A mãe é dona de casa e o pai dono de um pequeno comércio no bairro.

Leila teve apenas um relacionamento sério com um homem e acreditava que seu próximo relacionamento seria heterossexual, monogâmico e preferencialmente com alguém de dentro da igreja. Ela afirmou que após entrar na faculdade muitas coisas conseqüentemente acabaram mudando, e notou que se sentia atraída também por mulheres, o que considerou inaceitável à época.

Pensando em sua timidez e necessidade de anonimato, Leila relata que buscou testar seus desejos e sentimentos em aplicativos de relacionamentos. Quando entrou no aplicativo, não sabia bem o que fazer e o que esperava, informando que estava à procura de outra mulher, mas sentiu que a única forma que poderia tirar as dúvidas sobre a própria sexualidade seria através da internet.

Nossa primeira conversa aconteceu em um grupo de poliamor no Facebook. Leila usava um perfil falso e nossa conversa inicial se resumiu a uma conversa insegura e desconfiada, que posteriormente foi explicada quando ela disse que o cunhado já havia mexido em seu celular sem autorização e lido conversas dela com uma menina, o que resultou em agressão verbal e física por parte dos pais, que passaram a levá-la e buscá-la na faculdade, restringindo ainda mais a liberdade já limitada. Nesse ponto identificamos o primeiro conflito, não entre ela e os pais, mas entre a moral cristã que lhe foi imposta e os desejos recém-descobertos.

Segundo Leila, a primeira vez que conversou com Bianca, uma mulher que estava no aplicativo de relacionamentos, foi muito boa. “Eu sentia que conhecia ela há anos, sabe como é? Eu queria passar a madrugada conversando com ela porque a gente ria e ia se conhecendo”. Ela havia entrado em uma fase de encantamento, começaram a se falar todos os dias, ficar em casa já não era mais um problema tão grande porque ela tinha a quem recorrer, ela sentia que podia confiar em Bianca. “Eu não sabia se queria ficar com ela, mas eu sabia que não podia, mas mesmo assim foi bom porque alguma coisa diferente aconteceu para mim”. Após essa primeira semana Bianca revelou ser casada com um homem que sabia que ela usava o aplicativo e explicou para Leila que os dois são poliamoristas, mas que não queria relevar no primeiro dia porque gostou de Leila e tinha medo que ela sumisse. “Eu não me senti traída, só senti que alguém tirou uma coisa muito boa de mim, eu não podia aceitar aquilo, mas também não queria perder a Bianca, ela era a única coisa boa acontecendo na minha vida”.

Nossa primeira conversa terminou e foi muito difícil conseguir um novo contato com Leila porque ela ainda se sentia insegura em relação a sua identidade, mas ela aceitou um novo encontro no intervalo entre duas aulas e em uma área tranquila da Universidade. Nesse dia, ela não quis falar muito sobre como as coisas haviam acontecido com Bianca ou sobre o poliamor. Ela apenas falou sobre como seria a vida dela se a família descobrisse que em algum momento esse tipo de situação aconteceu na vida dela, e falou ainda sobre não ter mais contato com a igreja. “Eu acredito muito em Deus e o que estou fazendo é errado, não quero mais falar com ela (Bianca) porque não é certo, eu nunca mais saio de casa se meus pais descobrirem”. Leila me dizia isso muito nervosa enquanto apertava com força um chaveiro da mochila escrito “Jesus”. Ficou claro ali que apesar de demonstrar forte vínculo com a figura religiosa que representa sua religião, ela tinha um medo das conseqüências sociais e familiares. O julgamento de Deus em relação a seus sentimentos era importante, mas não se comparava à exclusão que sofreria dentro da igreja por ser julgada como alguém que “caiu em tentação” e não leva seus dogmas a sério, além é claro, da vergonha que causaria aos pais.

Durante algumas semanas Leila me encontrava para conversar e falava sobre ter voltado a conversar com Bianca e com seu marido, o que resultou no envolvimento dos três.

Por opção de Leila, tudo acontecia somente na casa de Bianca e Luan (o marido), e para os pais de Leila isso não era um problema, já que acreditavam que a filha estava estudando na casa de uma colega de curso. Porém, Leila nunca se relacionava com os dois ao mesmo tempo, pois ainda que não houvesse ali olhos e ouvidos dos membros da igreja, na concepção dela o pecado seria maior se não houvesse separação entre as relações.

Durante todo o processo de pesquisa e conversas que tivemos, Leila, que antes julgava este tipo de relacionamento como algo que Deus colocou em seu caminho para testar sua fé, foi deixando cada vez mais de lado o discurso religioso e se prendendo mais no discurso de isolamento dentro da igreja.

Leila optou por não me encontrar mais, mas aceitou continuar me relatando sobre o que acontecia e como se sentia em relação a seu entorno. As mensagens que trocávamos pelas redes sociais quase sempre chegavam de madrugada, horário em que ela quase diariamente brigava com Bianca e a bloqueava em todas os contatos. O motivo era sempre o mesmo, considerar que o que estava fazendo era errado. Porém, houve uma mudança muito grande durante todo o tempo em que isso aconteceu. Inicialmente, o medo era de ceder às tentações e ser julgada por Deus, mas após ficar com Bianca e aceitar que o que sentia era amor, o medo do divino foi ficando cada vez menos evidente, até que após me dizer que encontraria Bianca e Luan pela última vez, Leila me bloqueou e sumiu por duas semanas.

Já aceitando que não conseguiria mais contato com Leila, recebo uma mensagem dela um tempo depois explicando tudo o que havia ocorrido naquele período. Ela não só havia se envolvido com Bianca e Luan, como também falou sobre querer sair da igreja para evitar qualquer tipo de problema para ela e para os pais. A partir desse ponto não houve mais nenhuma menção à religião por parte dela. Leila hoje segue com seu relacionamento a três em sigilo, usando os estudos como justificativa para os pais para que pudesse se afastar da igreja.

### **3.2 CRISTIANE**

Cristiane tem 25 anos, é da cidade de Ewbank da Câmara, que possui atualmente população inferior a quatro mil habitantes. Ela é coordenadora de eventos da igreja católica da cidade, por esse motivo lida com crianças e adolescentes diariamente.

Quando a conheci através de um grupo de Poliamor direcionado para Juiz de Fora, e ela me disse que coordenava um coral e representações teatrais em feriados religiosos, eu achei que estaria lidando com uma pessoa extremamente reservada, mas me surpreendi ao receber um relato completo sobre toda a experiência dela com Álvaro e Ana, casal que conheceu há mais de um ano:

“A minha experiência com o poliamor foi a melhor experiência amorosa que eu já tive na minha vida. Eu nunca imaginava que um relacionamento poliafetivo seria algo tão encantador e algo tão intenso igual o meu relacionamento é.



Antes quando eu tinha relacionamentos monogâmicos, eu não era feliz da maneira que eu sou hoje, tendo um relacionamento poliafetivo. No começo eu achei que não ia dar certo, por causa do meu jeito de ser, eu era uma pessoa muito carente, possessiva, dramática e achei que não ia conseguir lidar com isso. Até que eu vivi esse tipo de relacionamento e eu me encantei por esse relacionamento, eu vi que ele tem fidelidade, ele tem companheirismo, ele tem amizade, como um relacionamento a dois. Eu descobri que se você amar uma nova pessoa não significa que você vai amar menos a outra pessoa que você já amava, não quer dizer que vai diminuir o amor que eu já sinto pela outra pessoa. Eu aprendi também que ninguém pertence a ninguém, que nós somos livres e nós só estamos nos completando. O que eu não encontro em um eu encontro no outro e vice-versa. Eu sentia que estava fazendo algo muito ruim perante a minha religião, mas eu também via que eu estava sendo muito feliz, como nunca tinha sido na minha vida. Muitas vezes eu fiquei em conflito interno entre o amor que eu sentia e a minha religião.

Várias vezes eu quis desistir do amor, mas já estava muito envolvida para tentar qualquer coisa do tipo. Eu fui aprendendo a lidar com isso, eu sentia que estava fazendo algo muito ruim e me sentia muito cobrada. Eu não tinha medo do que as pessoas iriam falar, eu tinha medo de ser castigada por Deus. Contar para os meus amigos foi bem mais fácil do que contar para a minha família, os meus amigos me apoiaram, mas acharam que eu não ia sobreviver a esse tipo de relacionamento, que eu não ia me adaptar, que eu era uma pessoa muito sentimental e que eu não ia lidar bem com essa ideia de ter que dividir eles sempre me apoiaram e não foi difícil contar para eles.

Tudo surgiu porque eu tinha uma dúvida se eu tinha uma atração por mulheres e os meus amigos sabiam disso, por isso me apoiaram nesse tipo de relacionamento.

Contar para a minha família foi algo muito difícil, muito doloroso, mas eu me sentia na obrigação de contar isso para a minha mãe porque ela era muito presente na minha vida, sempre foi muita minha amiga, ficava me cobrando porque eu estava saindo tanto, com quem eu estava saindo tanto, onde eu estava indo, porque eu tinha que me deslocar de uma cidade para outra e ela me perguntava o que eu estava fazendo e contar para ela foi algo muito difícil, e ela ficou meio sem acreditar quando eu contei, ela ficou sem reação, não falou nada, disse que não queria conversar naquele momento, mas me procurou no dia seguinte e conversamos, ela disse que tinha muito medo que eu me machucasse, mas que se estava me fazendo bem e feliz que era para eu continuar vivendo a minha vida, que ela não aceitava, mas respeitava e que eu poderia contar com ela para o que fosse preciso.

A questão religiosa foi bem mais difícil, eu me sentia muito cobrada, por ser atuante na Igreja e viver esse tipo de relacionamento.

Há um ano eu era muito atuante na Igreja e fui deixando aos poucos a coordenação de pastorais por me sentir cobrada, eu senti que eu não era digna de ser exemplo para ninguém ou de coordenar algo sendo que a minha vida pessoal não estava de acordo com o que a minha religião prega, e eu fui me afastando aos poucos, até que chegou o momento em que eu não coordenava mais e, hoje eu vou às missas de vez em quando, não deixo de ir, mas não atuo diretamente na Igreja.

Eu confessei com o padre e ele era meu amigo, ele ficou muito surpreso, disse que eu iria me machucar nesse relacionamento, eu era uma pessoa muito doce, muito sentimental e que isso não era o tipo de

relacionamento para mim, que eu merecia ser muito feliz. Aos poucos eu fui amadurecendo essa ideia na cabeça dele.

Em um segundo momento ele já me disse o mesmo que a minha mãe me disse, que embora ele não aceitasse, ele respeitava, que era a minha vida. Eu disse a ele que queria me afastar das coisas da Igreja, que eu estava me sentindo cobrada, ele me proibiu de fazer isso e pediu que eu fizesse um exame de consciência, para ver se eu achava que estava fazendo mal a mim mesma e seu achava que precisava me martirizar da maneira que eu estava fazendo. Diante disso eu continuei mais um tempo a frente das pastorais. Este padre meu amigo, era o padre da minha paróquia e depois de vencido o tempo que ele deveria ficar na paróquia, foi embora.

Depois da partida dele eu fiquei me sentindo ainda mais cobrada, porque antes eu o tinha para me apoiar, não como meu amigo, mas como meu padre naquele momento, ele me disse que eu não precisava me cobrar tanto porque tem gente que estava dentro da Igreja e fazia coisas muito piores do que eu estava fazendo, se eu estava fazendo mal a alguém eu estava fazendo mal a mim mesma e não a outras pessoas, enquanto outros membros da Igreja faziam mal a outras pessoas e, que isso era um problema meu, pessoal com Deus, que se eu tivesse que pagar, eu teria que prestar contas a Deus somente, que nem ele (padre) nem ninguém poderia me julgar. E assim eu fui fazendo, até que chegou o momento em que eu já não conseguia mais separar as coisas.

A partir desse momento eu decidi curtir mais o meu relacionamento e não ser tão intensa na Igreja porque eu não queria ser hipócrita de estar na Igreja, ouvindo uma palavra, pregando algo e fazendo algo diferente daquilo que a minha religião prega, minha vida não condiz com a minha religião, mas eu tenho fé, eu acredito em Deus e o sinto presente na minha vida, mas eu sinto também que eu vivo em pecado, mas por outro lado eu tenho um pensamento claro de que Deus vai me castigar por eu estar feliz? Eu não estou fazendo mal a ninguém, isso ameniza as coisas. Por um tempo eu tinha uma sensação de que eu estava pecando.

Quando eu me envolvi profundamente nesse relacionamento eu já sabia que não daria para conciliar as duas coisas, a minha religião e o meu relacionamento, e eu fui conciliando o tempo que eu pude, mas chegou um momento em que eu tive que escolher entre um dos dois. Eu não deixo de praticar a minha fé.

Mas eu não pratico a minha fé da mesma maneira que eu fazia antes. Mas eu também sinto que estou muito feliz hoje, como eu nunca fui antes e que eu me descobri e que esse relacionamento faz muito bem para mim, tenho carinho, tenho atenção, tenho duas pessoas que cuidam de mim, que se preocupam comigo, que me querem por perto e que me fazem feliz.

A minha família hoje sabe disso, os meus amigos também sabem e eles lidam muito bem com isso. Apesar de eu não entrar em detalhes sobre o meu tipo de relacionamento as pessoas próximas a mim sabem que eu tenho um relacionamento poliafetivo e eu não me arrependo em momento algum de ter feito isso, de ter levado esse relacionamento à frente.

Eu só tenho a agradecer por ter conhecido o Poliamor e ter um casal maravilhoso em minha vida. Hoje eu sei o que é felicidade, tenho duas pessoas especiais e que me fazem sentir amada e cuidam de mim. Isso sim é a definição de um verdadeiro amor."

É evidente nesse caso que apesar das inseguranças, e de não revelar para todas as pessoas o seu tipo de relacionamento, que Cristiane não sentia o mesmo peso da cobrança que Leila sentia, e que apesar de afirmar que tinha mais medo do castigo de Deus que de julgamentos alheios, seu comportamento dizia o contrário, e isso fica muito claro quando ela se coloca no papel de pessoa que é exemplo para os outros membros da igreja, que não quer ser hipócrita de fazer o oposto do que prega sua religião. Mesmo reconhecendo que vive em pecado, não vê isso hoje como o principal problema de sua insegurança.

Cristiane sempre viveu uma vida diretamente ligada à religiosidade, toda sua estrutura social foi formada dentro da igreja católica, e conseqüentemente todas as atividades que desempenha têm ligação direta com sua religião. Era de se esperar que houvesse mais resistência ao Poliamor, mas das três foi a que encontrou o maior conforto no relacionamento, se sentindo a vontade inclusive a ponto de compartilhar o que estava vivenciando com sua mãe e com o padre de sua igreja, e é perceptível o quanto o acolhimento dos mais próximos foi fundamental para que ela não desistisse do Poliamor.

Após alguns meses, percebo que não há mais desconforto quando ela fala do relacionamento, já se tornou parte definitiva de sua vida, algumas pessoas descobriram e não houve alteração de comportamento aparente.

Atualmente Cristiane está em processo de mudança para Juiz de Fora para que possa começar a estudar e morar com Ana e Álvaro, não tem a intenção de frequentar nenhuma igreja da cidade porque acredita que sua fé já lhe basta.

### **3.3 DAIANA**

Daiana tem 21 anos, mora com o namorado há cinco anos em Juiz de Fora, trabalha e não estuda, frequenta o maior centro espírita da cidade e mantém discursos religiosos e conservadores muito fortes.

Nos conhecemos através de uma colega de trabalho que a conhecia e que me sugeriu que a procurasse. Não houve dificuldade de contato ou alguma vergonha ao lidar comigo, tudo sempre foi dito de forma muito aberta e não senti nenhum receio vindo dela. Logo percebi que não se tratava de um caso como os anteriores, mas sim de alguém que tinha duas vidas completamente opostas.

Na internet, o discurso dela era conservador e de repúdio quase total às minorias, sempre com participação de apoio de seu namorado nos comentários. No trabalho, seus melhores amigos são homossexuais e em grande parte integrantes de movimentos sociais.

Ela me contou de forma bem direta que apesar de ter seu namorado em casa e ele ser seu melhor amigo, estava se relacionando com um casal sem que seu namorado soubesse, pois ele nunca aceitaria.

Quando questionada sobre como conseguia esconder isso em casa, ela riu, disse que Pedro (seu namorado) não tinha que saber o que ela fazia da porta de casa para fora, principalmente porque ele não trabalha. Logo, ele não pode cobrar nada.

Daiana não podia contar sobre a forma como vivia para quase ninguém. Em Juiz de Fora só tem seu marido, e mesmo que ele não seja o provedor, o imóvel em que residem pertence a ele, e ela sabe que se ele descobrir seu segredo, precisaria voltar para sua cidade. Fiquei me questionando o motivo de me contar sobre

seu maior segredo de forma tão aberta, uma desconhecida, sem nem questionar sobre meus objetivos, mas logo percebi que eu era a única pessoa que ela teve contato que compreendia e estava disposta a ouvir sem julgamento a sua experiência.

Quando tentei entrar no assunto da religião e como ela se sentia em relação à forma como se relaciona com três pessoas, ela desconversou. Esse foi o único ponto em que notei que ela realmente havia ficado incomodada, ela estava disposta a falar abertamente sobre sua vida sexual, mas não sobre como lidava com o conflito entre suas crenças e vida afetiva.

Evitando qualquer forma de desagradá-la, mudei de assunto e questionei sobre a família e como lidariam com isso. “Minha família sou eu e o Pedro, minha mãe também, mas a gente se fala pouco, ele eu não posso contar senão ele separa de mim. Ela eu não conto porque vai ficar falando na minha cabeça muito tempo e nem sei se ainda ia falar comigo”. Quando perguntei se isso a incomodava, ela se calou e chorou. Naquele momento, vi toda a confiança e atitude que ela apresentou quando nos conhecemos ir embora, se falar sobre a família lhe sensibilizou tanto, como seria sua situação em relação à religião que ela nem ousou falar?

Conversamos mais algumas vezes durante meses, ela nunca detalhou o relacionamento que vivia com o casal, mas finalmente em algum ponto se sentiu confortável para falar de sua relação com a religião. “Eu sei que não vou ser condenada por uma coisa idiota assim porque Deus me ama, só que todo mundo acha que espírita é mais liberal, só que não é, eu nunca mais vou conseguir pisar no centro se alguém souber. Eu sei porque é normal ver gente saindo porque fez alguma coisa errada ou que eles acham errado e ninguém mais fala com ela, e lá eu me sinto em paz”.

Daiana, que antes parecia muito segura em relação a seu relacionamento, se mostrou na verdade a pessoa mais desamparada das três envolvidas na pesquisa. Era notório que ela se sentia sozinha, ela só falava de suas experiências para duas pessoas próximas no seu emprego e para mim, afirmava estar feliz em seu relacionamento com o casal e com seu namorado, mas que não se sentia confortável para falar sobre o assunto com nenhum deles: o namorado, por medo de perde-lo; e o casal (ela nunca quis dizer o nome), por acreditar que não faria diferença falar para eles.

Após todo o tempo que passamos nos falando, pude ver que em casa ela fazia questão de ser como o namorado, e que o comportamento que apresentava na internet era muito similar ao dele, quase como se ela precisasse ser como ele para ser amada. Mas com o casal ela podia ser ela mesma, e isso para ela fazia o risco valer a pena. Hoje ela segue se relacionando com as três pessoas, frequenta o centro espírita da mesma forma que antes e prefere viver como se de fato tivesse duas vidas separadas que se complementam.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pelo menos até o presente momento, para essas mulheres entrevistadas, não haverá poliamor sem insegurança. O sigilo para duas delas é visto como a única opção para que possam seguir amando sem a necessidade de prestação de contas com a sociedade. O curioso é que por mais secreto que se mantenha o relacionamento, nada pode ser ocultado dos olhos do sagrado, e isso se tornou irrisório para todas. A convicção

era se que Deus não as condenaria pelo tipo de relacionamento que optaram ter, o medo é aplicado ao meio social, especialmente o religioso.

Todas, de alguma forma, optaram por não deixar de viver a experiência do relacionamento poliamorista e acreditam que há a possibilidade de conciliar a fé com seus relacionamentos desde que não haja uma mistura do ambiente religioso com suas realidades afetivas. Elas compreendem e assumem uma incoerência de fazerem parte de religiões que valorizam a monogamia, principalmente porque foi o próprio cristianismo que estruturou o relacionamento monogâmico ocidental e deu as diretrizes da moral que vivemos hoje, independente de qual seja nossa religião, ou até mesmo a ausência de uma.

A influência que exerce sobre nós, no Ocidente, principalmente no que diz respeito ao pecado e à culpa é enorme, embora, na maioria das vezes, inconsciente. Seu poder é tão grande que mesmo as pessoas não religiosas ou que nunca viram uma Bíblia vivem, pensam e sentem, sem perceber, pelo que ali está determinado. É a cultura da qual somos frutos. A cultura judaico-cristã. Lins (1990, p. 46).

Conclui-se então que o medo constante da exclusão no meio social é uma reclamação mais recorrente que o medo de ofender o sagrado. Surpreende-me que em nenhum dos casos foi feita menção a possível entrada no céu negada ou a garantia de ida ao inferno. Não que não houvesse preocupação em causar descontentamento a Deus, todas entendiam seus relacionamentos como uma forma de pecar, mas aparentemente para os praticantes do poliamor que vivem uma realidade religiosa, o relacionamento não monogâmico não é um pecado imperdoável, mas um desvio das condutas predefinidas pelo cristianismo, em alguns casos a intimidade desses relacionamentos serão exclusivas aos integrantes e à onipresença de Deus.

Quando passamos a analisar as três religiões, identificamos semelhanças e diferenças no que acreditam como moral, as origens dos conceitos de moralidade adotados por elas pode ter a mesma fundamentação, mas a forma como cada uma lida com questões fora do que é considerado normal em seu meio religioso é bem distinta.

O catolicismo se mostra mais tolerante em relação às mudanças sociais relacionadas às individualidades afetivas, o relato de Cristiane mostra que há uma aceitação mais rápida, seja da própria Cristiane ou das pessoas a sua volta. Uma possibilidade é que a religião católica possui o Papa como representante supremo, e a resiliência demonstrada por ele influencia diretamente os fiéis.

Religiões neopentecostais têm qualquer coisa que fuja da normalidade (normalidade sendo tudo aquilo que é acordado com Deus) como um afastamento do sagrado, algo que deve e será condenado pelos membros da igreja como uma prova de sua devoção, não há abertura para novas possibilidades afetivas, pois elas são atribuídas diretamente à ideia de algo ruim, o diabo.

No espiritismo, ainda que haja uma abertura para a ideia da homossexualidade como uma forma de amor pura e que deve ser respeitada, vê-se a monogamia como parte da evolução espiritual acreditando que desejos devem ser limitados como parte dessa evolução, sendo indiferente a sexualidade do casal, desde que o relacionamento se limite a duas pessoas.

## REFERENCIAS

- ANAPOL, D. *Polyamory: The New Love without Limits*. San Rafael, CA: IntiNet Resource Center, 1997.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade - Vol. I - "A vontade de Saber"*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- LINS, R.N. *A cama na varanda. Arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.
- LINS, R.N. *Novas Formas de Amar*, Primeira edição, Planetado Brasil, 2017. PILÃO, A.C. *Poliamore e bissexualidade: idealizando desvios*. ANPOCS, 2012. FREIRE, R. *Ame e dê vexame*, 6ª edição, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.
- BAKAS, A. *O futuro do amor. Intimidade, sexo, união e solidão na nova ordem mundial*, Primeira edição, A Girafa, 2011.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- LINS, R.N. *O Livro do Amor - Vol. 2 - do Iluminismo a Atualidade*, Primeira edição, Best Seller, 2012.